CAUSAS DA EXPANSÃO TERRITORIAL SERGIPANA E SEUS CONSEQUÊNCIOS JURÍDICO-SOCIAIS

Conferência realizada no salão do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, aos 25 de Abril de 1916,

PELO

Dr. Prado Sampaio

Exm. Sr. Presidente do Estado.
Exm. Sr. Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe.
Exmas. Senhoras.
Meus Senhores.

E' sempre dominado por extraordinária emoção que o meu espírito se volta para a terra bem amada, e procura estudar, nas manifestações de seu povo, o evoluir de idéias e sentimentos que o diferenciam, individualizando-o, como unidade elementar no seio da Federação Brasileira. Confesso então que a minha pouco amestrada pena de crítico social não raro se transforma na pena insofrida do cronista que, a
deslizar sobre o leve dos acontecimentos, deixa aflorar no papel lembranças emmudecidas e recalcadas no íntimo, banhado pelo suave alvorejar de encantadora manhã.

E bem antes que a frase, a primeira linha perifilada me caiá do bico da pena, vêem-me naturalmente a memória, a enchel-a de bric-á-brac, trechos sentimentaes, íntimos acórdes que a alma vibrou, embalsamada pelo perfume da primeira saudade que se esfolhou à recordação do primeiro amor; o que importa dizer que—aos olhos do meu espírito—descerra-se iluminado o poema da mocidade que o meu coração não soube escrever, mas cuja inenarrável docura me será indelevél ao sentir durante a vida.

E, desta arte, comprehende-se que, nesses momentos de expansão espiritual, todo e qualquer trabalho que por ventura, eu possa e venha a produzir, se reduzirá a simples paginas de album ou a rapidas e fugitivas impressões de artista, por não conseguir apanhar da existência, do nomenal ou do phenomenal, senão o rapido e fugaz instantaneo que, em exame superficial e inattento, empresta á comedia dos enganos o seu aspecto kosmico.

No entanto, não será verdade, interrogo eu, que o mais bello dos paradoxos, para fallar com T. de Banville, consiste precisamente em considerar que a critica para ser justa deve ser parcial e apaixonada?

Eu o creio, firmemente o creio: e, confiante nessa crença, quer bem me parecer que ninguem se ache em melhores condições do que eu para ser justamente parcial e apaixonado, desde que
me impressione a palavra fallada ou escripta o
estudo de quaesquer que sejam as manifesta-
ções do povo sergipano.

E afim de comprovar este meu asserto, peço
permissão para lembrar que, desde o anno da
graça de 1891, eu me hei devotado á analyse de
tudo que se refere á nossa terra natal, contem-
plando-a sob as mais variadas feições : a princi-
pio, com olhos de poeta, embevecido na comtem-
plação dos encantos da nossa natureza, sentindo
com Santa Rita Durão que «não ha depois do
céo mais formosura» ; e, em seguida, com olhos
de scientista, a traçar a psychologia de seu povo
no seu movimento evolucionario, sob o ponto de
vista ethnographico, afim de apprehender-lhe a
trajectoria que o conduz á Promissão do futuro.
A documentação, que me será facil de exhibir,
importará ao certo a prova provada do que
allego. Eil-a : Foi em 1891, como eu disse, que
effectivamente iniciei a analyse da nossa poesia,
partindo do que diz respeito á lyra popular, ao
nosso folk lore, ás nossas dansas e lundús, ás va-
riadas produções do genio anonymo sobre o as-
sumpto, e demandei á conclusão de que o ser-
gipano, attentas as suas condicionalidades psy-
chicas e sociaes, cedo deixou entrever, com
radiosa clareza, na sua musica e na sua poesia,
o lyrismo das nossas paisagens, a harmonia dos
nossos passaros e o scintillar brillante do sol que
fecunda as nossas almas como fecunda os nossos
campos, que nos illumina o pensamento como
illumina a pureza dos nossos céos ; e que, final-
mente, as mutações da poesia nacional, em duas
phases assignaladas—na phase condoreira e na
phase científica—crearam aqui as suas remíges, para, mais tarde, azas dando à fantasia, dobrarem uma das mais suggestivas páginas do lyrismo universal, ante a qual o nosso coração se nos confrange e a lagrima, não raro, nos marca os olhos.

A esse primeiro lance, prendem-se as minhas produções intituladas «Lendas Sergipanas», «Vida Sergipana», «O poema do lar» e «Sergipe». Essas tentativas, devo dizer o em nome de minha probidade literária, pouco valeram, e pouco valem, desde que não despertaram ruïdos nem tiveram a mínima repercussão na literatura indígena. Porquanto a mocidade que canta, neste recanto do paiz, os seus amores e sonhos, continua, sem se aperceber das mutações do pensamento nacional brasileiro, a escrever contos e poesias à moda dos trovadores românticos em pleno domínio dos pescadores de luas.

Mas por isto mesmo é que os meus ensaios nesse período se me afiguram um herbario, e, para mim, o mais singular dos herbários, de cujas folhas, desbotadas e murchas, ha de trecellar ainda e sempre o aroma de minhas recordações fanadas, a evocar a imagem de minhas ilusões de outr'ora. Porem na «Literatura Sergipana», no «Escoço de antropogeographia sergipana», que se lhe seguiu, e, por fim, em a «Geographia social sergipana», outro, bem outro, foi-me o objectivo que m'os inspirou.

Não são elles produtos exclusivos da imaginação e do afecto, nem trabalhos de estheto-literatura; porem a resultante unica de elabo-
rações feitas, com muito amor e o máximo de sinceridade, em prol da terra querida, e do papel que o destino lhe traçou no seio da civilização patria.

Eis porque é-me agora dado descobrir no fundo do meu espírito o criterio verdadeiramente parcial e apaixonado para trazer a público um novo estudo sobre o povo sergipano, o qual poderá e deverá ser rotulado, em falta de melhor, pela seguinte sigla: Causas da expansão territorial sergipense e seus consectarios juridico-sociais. E quero crer que melhor assunto não poderia encontrar, a esta hora, para ferir a gamma dos nossos sentimentos, despertando o máximo de vossas aentinaes.

Não desconheço, nem fingirei ignorar, que o fim precípuo da série de conferências inaugurada por este Instituto, à qual esta se prende por mandato da sua presidencia, visa preferentemente um preito directo de homenagens áqueles que nos precederam na morte, deixando na vida sulco indelevel de sua terrena perigrinação.

E' da superioridade, incontestável e incontestada, de espíritos privilegiados que ha promanado a teoria dos grandes homens, a dos homens representativos, a do culto dos heroes, a dos super-homens.

Praz-me, porem, dizer, com a máxima franqueza, que, a meu pensar, a historia da humanidade, ou, melhor, a da evolução humana, vem a ser, em ultima analyse, a historia das collectividades. Porque, por mais assinalado o esforço do individuo, esse de nada importará sem a col-
laboração da sociedade sobre a qual deve de repercutir,

Lembrar que se Strauss foi a culmi-
nância do século XIX, foi porque nesse explo-
diu a crise da consciência cristã que, prepa-
rada pelo christianismo no recesso da idade me-
dia, encontrou na Reforma a solução estabelec-
cida pelo gênio germanico, e teve no grande
theologo a eclosão do espírito do tempo a ferir a
nota mais quente da liberdade do pensamento
humano.

E, para mais precisamente manifestar, em
synthese, o meu ponto de vista subjectivo quanto
a este assunto, entendo que a mechanism social
do futuro haverá de repousar sobre o sentimento
collectivo, que, ao envez de eliminar-se pelo pro-
cessus da seleção cultural, vai dia a dia, e cada
vez mais, crescendo e se avolumando á maré
montante das multidões indomitas.

Tal, meus Senhores, o meu modo de enten-
der e ao qual se submete a minha conducta
neste momento. E' delle que parte o plano que
me tracei para me entretêr comvosco, plano que
se coaduna com a feição de meu espírito, exclus-
vamente dado ás generalizações. Si, porém,
errei na escolha do objecto, eu me genuflecto
ante vós, solicitando mil perdões.

Importa ainda declarar que o objecto da
minha conferencia deveria ser exposto num livro
de doutrina, ericado de algarismos, recheiado
de dados historicos, de demonstrações estatis-
ticas e de analyses científicas melhormente do
que num discurso que, pela sua fórm a e natureza,
deve ser breve e preciso, e principalmente apre-
sentar-se a apreciação do auditorio como um trabalho de arte, deixando em relevo um traço da personalidade do seu auctor, em vibrante synthese intellectual e emotiva.

Emtanto, a despeito de tudo, eu confio totalmente na solidariedade e no affecto que nos prendem a todos nós em se tratando de assumpto sergipense, sentimentos esses, que, não raro, nos arrebatam pelas estancias illuminadas do sonho e do amor, a crear as Epopeás e os Evangelhos do nosso civismo e da nossa fé.

Meus senhores.

Ao influxo do metodo philogenetico, já ninguem se lembra de tratar as sociedades como abstrações, sendo que em conjunto a sociedade deve ser estudada como uma federação de associações, que são os órgãos reaes da sociabilidade. E por assim compreender que, a toda hora e por toda parte, se me depara na genese e desenvolvimento da nacionalidade brasileira, uma inconcussa coalescencia de unidades elementares anthropo-geographicamente levadas sob determinados caracteres fusionantes em prol da homogeneidade social.

E, desta arte, semelhante organismo, preso á corrente evolutiva das associações humanas, ás acções e reações de ordens moraes, juridicas e politicas, cedo manifestou-se uma cohesa concentração de actividades cada vez mais intensa, com uma differenciação de força cada vez mais especializada.

Então, resultante d’essa maxima intensidade e extensidade, foi que emergiu á luz da historia, á semelhança das demais associações pa-
trias, o povo Sergipano, um dos órgãos da sociabilidade e elemento integrante da associação brasileira.

Eis, em rapidos pannejamentos, o ponto subjectivo do qual se me desdobra o nosso aspecto sociologico ou etnico social. Effectivamente, feita por Christovam de Barros—a conquista de Sergipe, os africanos, que, aqui como ali, vieram mais tarde colaborar na formação do novo nucleo social, não obstante desviados de suas crenças e costumes pela dominação lusitana d'almé mar, ainda cantavam, de envolta com as saudades da patria perdida, os mythos oriundos de suas crenças de origem e o seu antigo modus vivendi. A seu turno, também entoavam os autochtones errantes, no coração das nossas matas seculares, as aventuras guerreiras do seu viver nómade, e as pungentes tristezas das tabas perdidas e abandonadas para todo o sempre ao imperium de toda uma civilização, brutalmente victiosa e avassalladora.

E, aquellas melodias monotonas e repassadas de maguas inenarraveis, juntavam-se, amalgamadas na mesma gamma de lagrimas e ais, de dores e desalentos, as serranas e as canções dos degredados povoadores peninsulares, ante o vasto e grandioso scenario d’uma natureza extraordinaria, esplendente ao sol dos tropicos.

Todavia, a esses elementos etiologicos, causas diferenciadoras vieram em breve se justapor ou superpor á formaçao do grupo Sergipano, sendo de notar, em primeiro lançõ, a densidade da populacao indigena—que se mantivera no Rio Real, Vasabarris e Cotinguiba em contacto im-
mediato com franceses, durante um transcurso
de quasi meio século, devido às condições da
nossa situação geográfica; bem como o peque-
no elemento africano, que se localizara em maior
cala, na zona do litoral.

A verdade é que, colonizado em 1590, por
uma das figuras mais proeminentes do Brasil
colonial, Sergipe logrou, desde logo, desenvol-
vimento acausalvel em meio das luctas, que
então se feriam, entre naturaes, colonizadores e
estrangeiros. E a breve trecho, a sua colonização
vibrou ao extraordinario influxo da corrente
exploradora de minas.

Dir-se-á que, por aquelle tempo, uma pro-
jeção da scena maitresse do drama nacional se
desenrola no meio sergipano, pela continuidade
etnica, na qual Silvio Roméro descobrirá o ele-
mento estatico e preponderante da nossa his-
toria.

Como producto da phase politica pesquisa-
dora de minas, surgiu Belchior Dias Moreya,
que se fez o centro de todo o movimento mine-
ralisador da epoca.

A casa de Belchior Dias, lê-se na «Historia
de Sergipe», de Felisbello Freire, na sua fa-
zenda Jabébery, tornou-se então um ponto para
onde afluíam os exploradores, e até mesmo os
governadores da Bahia e Pernambuco.

O território sergipense foi percorrido desde
logo pelas caravanas, que se dirigiram para o
occidente, tornando cedo conhecidos os sertões
de Itabaiana e Simão Dias.

E basta consignar aqui a epoca da con-
quista de Sergipe (1590) e a epoca da morte
de Belchior (1622), pondera o historiagrapho ser- 
gipano, para vermos quão cedo entre nós o colo-
nisador penetrou pelo interior do nosso terri-
torio, levando a colonização aos sertões da Bahia 
e de Alagoas.

E Eu sei, meus Senhores, que, phenomeno 
complexo, o estudo da historia está sujeito a 
uma grande variedade de condições, mais ou 
menos apreciaveis. E é assim que, na acção de 
Belchior, além da corrente historic, que o levou, 
durante o percurso de oito annos, dos sertões 
do Rio Real, em companhia de Gabriel Soares, 
seu primo, a percorrer as serras de Jacobiha, pelo 
Itapicurú, em busca do sertão de Massacará, 
passando por Bendutayú, Tocano, cerra da Teiu-
ba, Pedra Furada, rio Salitre, serra Branca, serras 
de Osoroá, Rio Verde, Parnamerim, Periperi, Co-
rariá, serra do Oroquery, e sertões de Pernam-
buco, é assim, repito, que, na acção de Belchior, 
não podemos deixar de constatar a continuidade 
do nosso solo que se prende ao occidente e a 
leste, e a preponderancia, no occidente, do 
elemento indigena, nomade e valoroso. Sobre 
taes condicionalidades ethnicas, geographicas 
e geologicas, repousou a nossa força de expans-
são, quando, por causas multifarias, que não 
vêem a pelo assignalar, a Bahia não dispoz, por 
aquella phase, da força necessaria para levar a 
colonização até aonde a levou a expansão sergi-
picana, desde o inicio do seculo XVI até o seculo 
seguinte.

Desconhecida pelo governo da metropole a 
geographia do Brasil, e conhecidas as altas 
razões politicas que determinaram as doações
feitas pelo Governo de Portugal, seguido o mesmo sistema nas sesmarias concedidas a particulares, sabe-se que os terrenos doados se extendiam pelo centro até aonde chegassem as forças da colonização, pois a razão suprema da política dominante quanto a este particular era a conquista dos sertões.

No princípio de século XVI o território banhado pelas bacias dos rios Real, Piauhy, Vasa-barris e Cotinguiba, junto ao litoral achava-se doado, e nisle iniciado o serviço agrícola. E' então que o povoamento dirige-se para o occidente, em demanda das matas de Itabaiana e Simão Dias, acompanhando o leito do Vasa-barris, chegando até às imediações de Geremoabo, como se vé, além de outras, pela sesmaria concedida ao desembargador Christovam de Burgos e outros, compreendendo trinta leguas de terra em direcção aos desvãos do oeste. Comprovadora da nossa expansão territorial e resultante d'elle lêmos em Marcos de Souza, ao determinar os limites de Sergipe, que o seu territorio se dilatava das costas do mar até Massacará, matas de Simão Dias e Riacho Xingó, que desagua no S. Francisco, cinquenta e oito leguas acima de sua foz, perto da cachoeira de Paulo Affonso.

Não é meu intuito concorrer neste momento com a minha quota de calor e patriotismo, com que todos nós, os sergipanos, devemos entrar, de bom grado, para a solução definitiva da questão de limites entre Sergipe e Bahia.

A pesquisa e o estudo dos documentos neste sentido pertencem mais aos geógrafos e histo-
riographos propriamente ditos que ao cientista; a elas incumbe a concatenação das datas e dos acontecimentos que há de determinar a nossa vitória sobre a usurpação, pela reconquista de direitos, para cuja solução devemos preferentemente consultar a genese, formação e desenvolvimento territorial sergipenses. Porque, se é bem possível que, na pendência Sergipe—Bahia, sejam exhibidos documentos que firmem a incontestável preponderância política do Estado da Bahia ao tempo da metropole, da regencia, do primeiro e segundo imperios, o certo é que, por força da colonização sergipana, os limites de Sergipe, em relação à Bahia cronologicamente se inscrevem do modo seguinte:

1º, sob o regime de Capitania independente, durante mais de século, Sergipe limitou-se ao sul com a Bahia, pela margem esquerda do rio Itapicurú;

2º, sob o regime das duas Ouvidorias ou Comarcas, em 1696, esses limites foram fixados em Itapuan, ao sul do rio Itapicurú;

3º, sob o mesmo regime, em virtude de ordens de Vasco Fernandes Cesar de Menezes, foi traçada a linha divisoria pelo rio Subahuma; e, finalmente,

4º, sob o regime de Provincia, com a des-annexação em 1820, ficaram reconhecidos em 1822 os antigos limites da Capitania independente fundada por Christovam de Barros, os quaes são: a oeste, desde 1590, pela linha recta imaginaria que une os dois pontos, cabeceiras do Rio Real ao riacho Xingó, ficando Malhada
Vermelha (Cuité) e parte da freguezia de Bom Conselho, dentro do nosso território.

Que firmam semelhantes factos sinão o retrotraimento dos nossos limites devido á política usurpadora do Estado visinho?!

E' preciso lembrar que, nos «Apontamentos historicos e topographicos sobre a Província de Sergipe», Silva Travassos, nome que merece a melhor gratidão dos Sergipanos, como o mais fidedigno dos seus chronistas, diz que anteriormente a Christovam de Barros a divisão territorial de Sergipe comprehendia seis departamentos, «sendo um dos commandantes ou caciques d’essas divisões Moribeca, que marcava seus domínios entre o rio Itapicurú e o Vasa-barris».

Porque se deslocaram os limites? interroga Felisbello Freire.

Porque se feriu o direito de posse secular, continúa elle, garantido pela colonisação, para tirar-se da jurisdição sergipana uma zona territorial tão grande, colonizada á custa de nossos recursos?

A tais interrogações, somente uma resposta pôde ser dada, a meu ver, como fiz notar,—a preponderancia politica da Bahia, desde os primordios da nossa historia durante o sistema imperial, desaparecido pela revolução republicana de 15 de Novembro. Prefaciando a «História Territorial do Brasil», cujo estudo assenta sobre a evolução do povoamento pelo solo brasileiro, assured ou seu auctor que, sem o estudo da genesis das circumscripções politicas e administrativas, em que se foi dividindo o paiz em consequencia do seu povoamento, a historia do
Brasil, não passará jamais de um simples tecido de factos, sem logica, sem harmonia, sem causalidade. Commungando nas mesmas ideias, penso eu, todavia, que especial interesse nos deve despertar a análise das condições ambientes, condições, essas, que fizeram as civilizações primitivas, e que não podem ser esquecidas ao tratar-se da historia inicial do povo brasileiro, o qual teve por escenario uma tão esplendorosa natureza aos olhos de Buckle; natureza que, no entender do sociologo e historiador inglez, se lhe oferece como um entrave ao nosso progresso, por superior às forças do povo que nela habita. No que diz respeito particularmente a Sergipe, outra, bem outra, é a imagem que se me antolha. Tenho para meu uso e explicação da nossa força colonisadora, de outr'ora, e da nossa expansão emigratoria, de hoje, que inferior ao homem sergipano é o solo em que elle construiu o seu habitat. O facies geral no nosso território se nos apresenta—na parte oriental, baixo, desigual, arenoso, com pouco terreno proprio para cultura; e—na parte occidental, agrestado, esteril e secco, servindo somente para pastagem.

Convem ainda constatar em apoio de minha opinião, tão divergente da quasi totalidade da dos nossos cronistas e historiadores, que esse sólo é geralmente pobre de mananciaes e aguas correntes. Circumvallando as grandes massas de terras altas, rumam direcção do mar os rios principaes; mas, durante a sazão dos vêrões adustos, o sol esbrasêa, servendo a agua desalterante dos campos desnudos, e deixando exhaus-
to e poento o leito dos riachos. E a terra, de origem quaternaria e recente, de chapadas terciárias, colinas cretaceas, regiões paleozoicas e transserranas, desdobra-se a nossos olhos! asperamente triste e desoladora.

Não será devido principalmente às mais condições desse meio físico que o sergipano cedo adquirio o impeto das distancias, e se tornou colonizador? Não será por isso que, ainda a esta hora do nosso desenvolvimento, nós po-voamos o Amazonas e o Acre?

E não será por esse motivo que, ainda hoje, em literatura e em sciencia, Sergipe foi e continua uma terra de emigrados?

Meus senhores.

O que me parece incontestavel, a esse ligei-ro recoltar de factos e de ideias que se prendem á evolução formativa do povo sergipano, é que a nosso favor militam incontestaveis direitos de jurisdição sobre um grande agro territorial de que a Bahia se acha actualmente de posse.

Esses direitos, promanados de acontecimen-tos historicos, teorizam-se no mundo mo-derno sob o nome de colonização.

Nasceram no seio das sociedades antigas, na lucta pela vida ferida entre as primeiras agre-miações humanas; fixaram-se, a luz da historia, sob o imperialismo romano, na epocha das conquistas e expansões territoriaes, e repousavam, então, sobre o poder discricionario do vence-dor sobre o vencido, e vemol-os mais tarde transformados, na quadra dos grandes desco-brimentos maritimos, quando Portugal, arvo-
rando o pendão das quinas no solo do novo mundo, proclamou o seu direito de posse e domínio sobre a terra do seu descobrimento.

E a seguir, foi por meio do trabalho colonizador, que se veio dilatando, pouco a pouco, a posse do território patrio. Nesse combate secular, no qual os bandeirantes vadearam rios, transpuzeram serras e venceram todos os obstáculos naturaes, é de ver que os sergipanos, ao norte, ocuparam o mais assinalado posto na vanguarda, como força propulsora da nacionalidade que ia surgir. Attendendo-se aos saques e às devasções de que Sergipe fora alvo por parte dos invasores e fugitivos, como scenario de grandes acontecimentos, compreende-se que desde logo aqui habitou uma raça forte, servida pelo ideal da liberdade e do progresso.

E si a patria, meus Senhores, não é somente a terra do nosso berço, com os seus céus, as suas montanhas e os seus valles, mas—e principalmente—o amalgama das tradições queridas que constituem a alma do povo, preciso seria que fossemos apóstatas para ora renegarmos o sentimento da nossa autonomia social e politica, sem um protesto siquer em prol das crenças e ideiaes afagados pela consciencia e affectos das gerações que se foram.

Comprehendendo-se, já o disse algures com Jhering, que a Geographia é a Historia considerada do seu ponto de vista estatico, bem como a Historia é a geographia considerada do seu ponto de vista dynamico, necessário se faz, em nome da historia e do nosso futuro, o desaparecimento dessa falta de eurhythmia, que se
deixa aperceber no *processus* evolucionario da patria sergipana. Porque, de certo, singular é que, resolvido em grande parte o problema da sua politica de populacao, Sergipe tenha ainda de combater pela sua politica territorial como unidade elementar d'uma federação, para cuja estructura e desenvolvimento tanto concorreu, infligindo a primeira derrota ás hostes hollande-zas, derramando de seus filhos o sangue precioso nos pampas do Paraguay, levando a vida á peripheria do organismo nacional, a povoar o Amazonas e o Acre, depois de ter lobrigado, atravéz dos ideiaes revolucionarios de 1817, a imagem do Brasil de hoje, esculpida no bronze da Historia, pela resistencia ao despotismo e devotamento á liberdade!

Por isso, a terminar, meus Senhores, sinto que ora me assalta e empolga o espirito a impressão grandiosa que recebi, aos vinte annos meus, quando ascendi o pincao da serra de Itabaiana.

No eriente, um sol equatorial, assemelhando enorme diamante engastado em fundo céo de turqueza, surgia esfarrapando as densas neblinas que desciam pelo dorso do colosso esbar rondado até ao fundo dos valles circundantes.

E á medida que gloriosa a luz se erguia pelos céus escampos, mais se dilatava o horison te aereo, no fundo do que se esbatiam os esporões das serras que o enfeixam, e se alteiam como vagas geologicas do grande e cyclopico oceano, de cujo seio, em cataclysmos, emergiu, rígido e petrificado, o alto planalto central do Brasil.
Rapidas lufadas esgarçam por fim de todo o manto nevoado da manhã, e um dilúvio de luz intensa descerra à escancarações o firmamento azul e a terra verde. Deslumbrado, d’aquella mansão alada, comprehendi como, aureolada de esplendores, surgiu a vida à emotividade primitiva, sentindo perpassar-me pelos olhos a mais bella visão da natureza em rutilante apoteose.

Como um prolongamento e ao mesmo tempo uma antithese das forças naturaes, divisei, em seguida, o mundo ambiente a se desdobrar pelo littoral orlado pelo mais bello dos espectaculos kosmicos,—o mar gigante e infindo, em reverberos de esmeraldas e rubis, perolado de espumas, imagem inconcussa da phenomenal e estupenda batalha da vida sobre o Planeta.

E pelas planicies e valles, desde o derro dor, branqueavam as cidades, as villas e as estancias rurales, á luz dum sol polvilhante d’oiro, a esmaltar as flores e os fructos de toda aquella civilisação. Desde então mais se avolumaram e se ergueram, do fundo do meu espirito e do meu coração, a minha crença e a minha fé, a crença nas energias desse povo, cujo passado é a garantia do seu futuro, e a fé, a fé insuperavel na reivindicacao dos nosso, direitos; em prol do progresso e engrandecimento do nosso querido Sergipe.